

## 0.

**Assim que o ônibus entrou** na cidade de Takamatsu, capital da província, a paisagem vista pela janela começou a mudar, passando de áreas arborizadas para um ambiente urbano permeado pela claridade dos neons multicoloridos, dos faróis dos carros vindos na direção contrária e das poucas luzes ainda acesas dos prédios de escritórios. Algumas mulheres e homens bem vestidos, possivelmente colegas de trabalho, conversavam na calçada em frente a um restaurante, talvez à espera de um táxi. Jovens de aspecto abatido fumavam sentados no estacionamento bem cuidado de uma loja de conveniência. No cruzamento, um senhor com ar de operário esperava, em sua bicicleta, o semáforo abrir para atravessar. Na noite ainda friorenta para o mês de maio, o homem vestia um casaco puído. Contudo, ele também foi deixado para trás, juntamente com as várias outras impressões, sob o ronco baixo do motor. O relógio digital acima do assento do motorista mudou para 20h57.

Shuya Nanahara (o Estudante nº 15) contemplou por um tempo essa paisagem noturna, olhando para além do rosto de Yoshitoki Kuni-nobu (o Estudante nº 7), que, sentado ao lado da janela, não cansava de remexer o interior de sua bolsa. Depois, Shuya esticou um pouco a perna direita para o corredor entre as fileiras de assentos. Calçava tênis Keds, comuns antigamente, mas agora difíceis de encontrar. A lona in-

terna rasgara no calcanhar direito e fios se projetavam como se fossem bigodes de um gato. Os tênis do fabricante americano eram produzidos na Colômbia. Atualmente, em 1997, a próspera República da Grande Ásia Oriental não sofria com falta de produtos. Ao contrário, vivia-se em meio à abundância, embora o acesso a artigos importados fosse extremamente difícil. Era de se esperar, por causa da política de semi-isolacionismo adotada pelo país. Além disso, os Estados Unidos eram um país inimigo (o governo os chamava de *imperialistas americanos*, denominação empregada nos livros didáticos).

Shuya estava sentado mais para o fundo do ônibus, de onde podia ver os quarenta e um colegas, os mesmos desde o ano anterior. Eles ainda conversavam animados sob a fraca luz das lâmpadas fluorescentes fixadas nos painéis encardidos do teto. Era natural que conversassem, pois ainda não fazia uma hora que haviam partido de Shiroyiwa. Pernoitar dentro do ônibus na primeira noite de uma excursão escolar dava a impressão de que estavam fazendo uma viagem econômica ou uma marcha forçada. Porém, todos se acalmariam um pouco depois que o veículo cruzasse a Grande Ponte de Seto e seguisse pela rodovia Sanyo em direção a seu destino na ilha de Kyushu.

As mais animadas eram as meninas sentadas nos bancos da frente ao redor do professor Hayashida, o responsável pela turma: Yukie Utsumi (a Estudante nº 2), a representante feminina da turma, com tranças que lhe caíam bem; Haruka Tanizawa (a Estudante nº 12), colega de Yukie no time de basquete e mais alta que as outras garotas; Izumi Kanai (a Estudante nº 5), patricinha cujo pai era vereador do distrito; Satomi Noda (a Estudante nº 17), uma aluna exemplar com óculos de armação fina e arredondada que combinavam perfeitamente com seu rosto sereno; e Chisato Matsui (a Estudante nº 19), sempre calada e discreta. Formavam o grupo principal, chamado de *neutro*. Dizem que meninas gostam de formar grupos, mas na turma B do nono ano da Escola de Ensino Fundamental Shiroyiwa, por não haver nenhum grupo de garotas que se destacavam, até mesmo chamá-lo de “neutro” soava um pouco estranho. Se houvesse um grupo, seria o das rebeldes ou, com toda a franqueza, o das *delinquentes*, liderado por Mitsuko Soma

(a Estudante nº 11). Além dela, completavam o grupo Hirono Shimizu (a Estudante nº 10) e Yoshimi Yahagi (a Estudante nº 21). Da poltrona que estava, Shuya não conseguia ver onde elas tinham se sentado.

Bem à frente, havia assentos mais elevados atrás do motorista e no espaldar baixo se destacavam as cabeças de Kazuhiko Yamamoto (o Estudante nº 21) e Sakura Ogawa (a Estudante nº 4). Eles formavam o casal da turma e, parecendo se divertir com algo, às vezes a cabeça deles balançava ligeiramente. Eram tão cúmplices que qualquer conversa banal os levaria às risadas.

Um pouco à frente de Shuya, podia-se ver despontando para o corredor o uniforme de um estudante gigantesco. Era Yoshio Akamatsu (o Estudante nº 1). Apesar de ser o maior da classe, sua timidez o tornava alvo de insultos que beiravam o bullying. Com o corpanzil envergado para a frente, estava ocupado jogando video game em seu aparelho portátil.

Ao longo do corredor, sentavam-se juntos esportistas como Tatsumichi Oki (o Estudante nº 3, time de handebol), Kazushi Niida (o Estudante nº 16, time de futebol) e Tadakatsu Hatagami (o Estudante nº 18, time de beisebol). O próprio Shuya pertencera à Little League da escola (era conhecido como um interbases genial) e mantinha amizade com Tadakatsu, embora hoje não se falassem muito, em parte porque Shuya abandonara o beisebol, mas também porque ele começara a se entregar de corpo e alma à guitarra elétrica, algo considerado antipatriótico. Shuya se lembrava de como a mãe de Tadakatsu pegava no pé dele por causa disso.

Sim, o rock era proibido neste país (logicamente, havia subterfúgios. A guitarra elétrica de Shuya tinha um adesivo colado pelo governo em que se lia PROIBIDO TOCAR MÚSICA DECADENTE NESTE INSTRUMENTO. A música decadente era o rock).

*Pensando bem, meu círculo de amizades mudou bastante*, Shuya se deu conta.

Uma risadinha surgiu da poltrona atrás de Yoshio Akamatsu. Shuya viu os cabelos curtos e o lindo brinco bem trabalhado no lóbulo da orelha esquerda que pertencia a um de seus mais recentes amigos, Shinji Mimura (o Estudante nº 19). No oitavo ano, eles se tornaram colegas de

turma, mas mesmo antes disso Shuya já ouvira falar que no time de basquete havia um armador genial a quem costumavam chamar de “Terceiro Homem”. Naturalmente, Shinji se orgulhava de sua fenomenal aptidão atlética, comparável à do genial ex-interbases Shuya na Little League (contudo, Shinji sem dúvida afirmaria: “Mas eu sou mais eu, cara”). Em parte o entrosamento entre eles deveu-se à sintonia que os dois tiveram no primeiro jogo de basquete, logo depois de passarem para o oitavo ano. Porém, Shinji era muito mais que isso. Com exceção de matemática e inglês, o restante de suas notas estava longe de ser elogiável, mas ele era dotado de um vasto e impressionante conhecimento e de uma visão muito madura para um estudante do ensino fundamental. Era capaz de responder com agilidade a quase todo tipo de questionamento, até mesmo com informações do exterior — em geral, inacessíveis neste país. Tinha sempre o conselho apropriado quando alguém estava numa enrascada. Além disso, era destituído de qualquer traço de arrogância. Poderia dizer, em seu tom brincalhão: “Você sabe que eu sou inteligente, não sabe?”, mas como gracejo, sem nenhuma intenção desdenhosa. Ou seja, Shinji Mimura era um sujeito interessante.

Shinji estava sentado do lado de Yutaka Seto (o Estudante nº 12), seu amigo desde o início do ensino fundamental. Yutaka era o mais palhaço da turma. Ele devia ter contado mais alguma de suas piadas, pois Shinji ria.

Hiroki Sugimura (o Estudante nº 11) estava sentado atrás deles. Alto e magro, lia um livro acomodado sem jeito na poltrona estreita. Era calado, praticava artes marciais e, por isso, transmitia uma imagem de força. Não tinha muitos amigos, mas ao conversar com ele se via que era tímido e gente boa. Shuya se dava bem com ele. Será que Hiroki estava lendo a coletânea de poesias chinesas de que tanto gostava? (Livros traduzidos do chinês eram relativamente fáceis de ser obtidos, pois a República Popular da China era considerada “território irmão de nossa nação”.)

Num romance americano que Shuya lera, encadernado em brochura (ele o encontrou num sebo e o leu com a ajuda de um dicioná-

rio), havia a citação “Amigos surgem em sua vida e dela desaparecem”.\* As coisas devem se passar realmente dessa forma. Assim como Shuya e Tadakatsu deixaram de ser amigos, também Shinji e Hiroki talvez um dia se afastassem dele. Ou será que não?

Shuya voltou a olhar de relance para Yoshitoki Kuninobu, que continuava a procurar algo dentro da bolsa. Os dois eram amigos de longa data. E provavelmente isso não mudaria. Era assim desde que molhavam seus lençóis durante a noite na Casa de Caridade, instituição católica de nome um tanto pomposo que abrigava órfãos e crianças em “circunstâncias” que as impediam de viver com os pais. O mais correto seria dizer que os dois estavam irremediavelmente unidos pelo infortúnio.

Talvez seja melhor aproveitar para explicar um pouco sobre religião. Neste país, assentado num tipo peculiar de socialismo estatal, cujo ápice é o detentor do poder máximo denominado Supremo Líder (“Vivemos sob um regime fascista bem-sucedido. Em que outra parte do mundo há algo tão malévol?”), Shinji Mimura segredou certa vez, franzindo o rosto), não existe algo a que se possa chamar de religião. O que há é apenas uma crença no sistema do Estado, que não chega a infringir qualquer religião existente. Portanto, as atividades religiosas são livres, desde que moderadas, mas em contrapartida não há nenhuma garantia sobre elas. Assim, apenas os verdadeiros fiéis continuam a praticá-las. O próprio Shuya nunca teve orientação religiosa, mas pelo menos fora graças à religião que pudera crescer normalmente e sem privações. Acreditava que devia ser grato por isso. Havia também orfanatos estatais, cujas instalações e sistema deviam ser péssimos, não passando de centros de treinamento de soldados das Forças Especiais de Defesa.

Shuya virou a cabeça e olhou para trás. No longo assento do fundo estava o bando de delinquentes que incluía Ryuhei Sasagawa (o Estudante nº 10) e Mitsuru Numai (o Estudante nº 17). E, embora Shuya não pudesse ver o rosto, entre os assentos, no lado da janela direita, distinguiu uma cabeça com longos cabelos até as costas, com

\* Passagem do romance *O corpo*, de Stephen King: “Amigos surgem em sua vida e dela desaparecem como garçons num restaurante, você nunca notou isso?”. (N. T.)

um penteado excêntrico todo puxado para trás desde a testa. A cabeça permanecia imóvel, embora do seu lado esquerdo (na realidade, Ryuhei Sasagawa sentava abrindo um espaço de dois assentos entre eles), os outros estivessem rindo de modo grosseiro por causa de alguma conversa meio indecente. Talvez estivesse dormindo ou quem sabe olhasse atentamente as luzes da cidade, como fizera Shuya até pouco antes.

Para Shuya era um grande mistério que Kazuo Kiriya (o Estudante nº 6) participasse de algo tão infantil como uma excursão escolar.

Kazuo era um rapaz carismático entre os estudantes delinquentes das redondezas, que incluíam obviamente Ryuhei e Mitsuru. Não era do tipo grandão. Seu porte físico se assemelhava ao de Shuya, mas Kazuo punha abaixo com facilidade estudantes do ensino médio e discutia em pé de igualdade com mafiosos yakuza. Ao que parecia, sua fama se tornara lendária por toda a província. Ele deveria ter as costas quentes pelo fato de seu pai ser o renomado presidente de uma importante empresa local (corriam boatos de que era filho ilegítimo, mas Shuya nunca se interessou em saber). Logicamente, não era apenas isso. Ele era inteligente, seu rosto possuía traços nobres e sua voz, embora não fosse particularmente de tom elevado, transmitia certo autoritarismo. Era um dos melhores estudantes da turma B e suas notas só poderiam ser igualadas às do representante masculino da turma, Kyoichi Motobuchi (o Estudante nº 20), que estudava com afinco e quase não dormia. Nas práticas esportivas, Kazuo demonstrava elegância e excelência praticamente imbatíveis. Na Escola Shiroiwa, os únicos aptos a competir com ele em pé de igualdade seriam os geniais ex-interbases Shuya e o atual armador da equipe de basquete Shinji Mimura. Sob todos os aspectos, Kazuo Kiriya era perfeito.

Por que então um rapaz tão perfeito se tornara líder do grupo de estudantes delinquentes? Shuya não tinha nada que ver com isso, mas podia sentir que Kazuo transmitia uma sensação de mal-estar quase tático. Shuya não conseguiria identificar o motivo. Kazuo nunca se comportara mal na escola e jamais maltratara Yoshio Akamatsu, como Ryuhei Sasagawa costumava fazer. Porém, havia algo muito... sombrio

em relação a ele. O que poderia ser? Pelo menos era essa a sensação que ele passava.

Kazuo faltava muito à escola. Era a piada mais cômica deste mundo afirmar que ele “estudava”. Em todas as aulas ele apenas permanecia sentado impassível, tão quieto que parecia pensar em algo que não tinha nenhuma ligação com a matéria. *Se o governo não impusesse com tanta veemência o ensino compulsório, ele provavelmente nem apareceria na escola. Bem, não se sabe. Talvez se tornasse assíduo apenas por capricho.* Seja como for, apesar de Shuya imaginar que Kazuo jamais participaria de uma excursão escolar, eis que ele resolvera dar as caras.

— Shuya.

Shuya contemplava o painel de iluminação do teto que refletia uma luz sobre Kazuo quando uma voz agradável o trouxe de volta à realidade. No assento vizinho, do outro lado do corredor, Noriko Nakagawa (a Estudante nº 15) estendeu-lhe um pacote envolto num celofane transparente primoroso. O embrulho, que cabia na palma das mãos dela, brilhava como água sob a luz branca que vinha do teto e se via através dele que estava cheio de pequenos círculos marrom-claros, provavelmente cookies. Uma fita dourada envolvia com firmeza a boca do pacote num laço em formato de gravata-borboleta.

Assim como Yukie Utsumi, Noriko Nakagawa também integrava o grupo neutro de garotas. Tinha olhos dóceis e bem negros, um rosto arredondado feminino e cabelos que se alongavam até os ombros. De estatura pequena, era muito brincalhona. Ou seja, uma garota comum. Uma característica a ser notada era o fato de ser a primeira da classe em redação (Shuya costumava conversar bastante com Noriko sobre isso, pois nos intervalos das aulas ele escrevia letras de canções na margem do caderno, que ela às vezes queria ver). Em geral, Noriko passava a maior parte do tempo com as garotas do grupo de Yukie, mas, por ter chegado atrasada hoje, acabou sentando naquele lugar.

Shuya esticou metade do braço e arqueou as sobrancelhas, curioso. Por algum motivo, Noriko falou um pouco perturbada:

— Meu irmão me encheu a paciência para assar cookies. Sobraram

esses. Perdem o sabor depois de um tempo. Você e o senhor Nobu podem comer, se quiserem.

Senhor Nobu era o apelido carinhoso de Yoshitoki Kuninobu. Era apropriado à personalidade de Yoshitoki, pois, apesar dos olhos grandes e afáveis, às vezes ele demonstrava maturidade e sapiência. As garotas não costumavam chamá-lo assim, mas Noriko geralmente se sentia à vontade em chamar os rapazes por seus apelidos. Era parte do charme dela fazê-lo sem que isso os ofendesse ou lhes causasse estranheza. Era uma garota encantadora. Por sua vez, Shuya notara havia tempos que ele mesmo não tinha nenhum apelido carinhoso (na realidade, no início do ensino fundamental, recebera um “codinome” idêntico a uma marca de cigarros, mas ninguém o chamava pelo apelido, ao contrário de Shinji Mimura, que era conhecido por “Terceiro Homem”), e Noriko era a única que se dirigia a ele por seu nome.

Yoshitoki, que ouvia os dois, os interrompeu impaciente.

— Sério? Para nós? Que maravilha! Se foi você quem fez, os cookies devem estar deliciosos.

Yoshitoki surrupiou o pacote da mão estendida de Shuya, desfez rapidamente o laço dourado e pegou um cookie.

— Hum. Que delícia!

Shuya deu um sorrisinho irônico enquanto, entre os dois, ouvia os elogios de Yoshitoki dirigidos a Noriko. Yoshitoki demonstrava com sinceridade o que sentia. Desde que Noriko se sentou perto de Shuya, ele não parava de olhar discretamente para ela, se empertigava todo, não sossegava quieto na cadeira, agindo fora do normal. Há cerca de um mês e meio, durante as férias de primavera, Yoshitoki se confessou a Shuya quando foram pescar na represa formada pelo lago, fonte do suprimento de água da cidade:

“Shuya, estou apaixonado por uma garota.”

“Ah! E quem é a felizarda?”

“Nakagawa.”

“Da nossa turma?”

“Isso mesmo.”

“Qual das duas? A Yuka?”